

Se a economia, isto é, o excedente da produção sobre o consumo, o excedente da receita sobre a despesa, é o principal meio de augmentar a riqueza das nações como dos particulares, pois que a humanidade teria ficado no estado primitivo se os homens tivessem sempre consuetudo com regra a seus meios de vida, a aprendizagem da economia deve ser ensinada ás crianças como uma das praticas essenciaes do homem civilizado.

Se a providencia é uma condição da vida do homem, distribuindo os recursos de maneira a alimentar os dias estereis com o excedente dos dias fecundos; se a providencia é uma condição da dignidade do homem, salvando o trabalhador de ficar dependente da esmola degradante, muitas vezes insufficiente e sempre incerta; se a providencia colloca o homem em estado de caminhar direito e digno, e de viver da sua vida, sempre capaz de vencer sem fraquejar um máo passo, e sempre capaz de aproveitar uma boa occasião de fortuna, convem habituar as crianças a prevenir, da mesma forma que as habitua a decorar; convem exercer a sua providencia como a sua memoria, afim de que saibam regular a sua vida: porque economisar, é regular a sua vida.

Tal é o objecto e tambem o beneficio reconhecido da instituição das *Caixas economicas escolares*, que tenho definido assim:

Ensinar a economia como se deve ensinar uma virtude, fazendo-a praticar. Ensinar a economia ás crianças, mais facéis de acostumar do que os homens, e que são os melhores agentes de toda a renovação social, segundo este sublime politica; «Deixai vir a mim as creancinhas» Ensinar aos futuros trabalhadores, que as pequenas economias, repetidas e bem collocadas tem o seu valor e um valor consideravel; que assim uma creança de sete annos que tomasse o habito de economisar dois soldos por semana dos soldos que lhe dão nos domingos para suas golodices, achar-se-hia na sua maioridade possuidor de uma somma de cem francos; e que com um franco economisado semanalmente, por um joven aprendiz, continuando esta sabia pratica na sua vida de operario, possuiria aos vinte e oito annos, na epocha de seu casamento, uma bella somma superior a mil francos; que desse modo assegura aos trabalhadores os mais desherdados o seu bem estar e algumas vezes tambem prepara a sua fortuna; porque um soldo economisado pode ser a semente de um milhão (isto tem-se visto, antes e depois de Franklin e Laffitte), da mesma forma que um soldo

dissipado pode por fim abrir uma fenda que arruine a mais importante casa.

No interesse da riqueza nacional, o ensino da economia convém ás creanças de todas as classes da sociedade; mas é mais recommendavel ainda ás creanças pobres ou pouco afortunadas, para quem a economia será um dia o unico elemento de fortuna.—No interesse da moralidade publica, para a elevação moral dos individuos, das familias e da sociedade, o exercicio da providencia modera a satisfação das nossas necessidades fúteis tornando-nos senhores de nossos vicios; assim o homem fortifica-se contra o mal, livrando-se das más paixões, e torna-se verdadeiramente homem livre.

(Continua.)

## IMPRESSÕES DE UM SONHO

(Aos leitores da AMERICA)

### I

Corria o mez de Outubro.

Era ao cahir da tarde de um d'esses bellos dias de céu azul, em que a natureza parece uma orquestra. O sol de-cambava lentamente, dourando a copa das arvores cobertas por novas folhas, e os prados alcatifados de florida relva,

Reinava o silencio nos campos que se estendem ao sul de Queluz, porque o dia ia sereno, como costumam ser os dias de primavera nesta formosa terra de Minas.

Só de distancia em distancia ouvia-se o trinar dos passaros trocando seus cantos, como uma saudação á festa esplendida da creação, ou o perpassar suave da aragem que soprava a mansa e fagueira. Entretanto, quando a natureza risonha e viçosa ostentava as suas galas, eu caminhava a passos lentos, por um estreito carreiro, pelo meio dos campos desertos de que fallei.

— Aonde ia?

— Não sei explicar.

Sahira de casa sem destino; levava ao hombro uma espingarda e tendo já andado mais de dous kilometros, não me havia utilisado della.

Contentava-me em distrahir a vista alongando-a preguiçosa, pelos serros verde-negros, que erguiam-se diante de mim, a grande distancia. Atravessei um pequeno arroio trepido e garrulo, cujas aguas crystallinas corriam por entre pedrinhas vermelhas, quematisavam o leito de branca e fina areia.

Campanulas, boninas, trapoerabas, botões de ouro e outras flores silvestres, bordavam-lhe as margens verdes e viçosas.

Contemplei esse regato alguns momentos, e insensivelmente fui seguindo a margem da corrente.

Não sei o que me attrahia para aquelle fio de agua tão innocente.

E' tao fraco o nosso organismo, temos taes momentos de distração, nossa mente possue-se de pensamentos tão ignotos, que, muitas vezes, somos alheios áquillo que presenciamos !

Eu passava por uma dessas transições.

A poucos passos estava a entrada de uma floresta, pelo meio da qual se entranhava o pequeno regato. Fui caminhando e por fim achei-me no meio da mata virgem, soturna e lobrega, que desenrolava-se grimpendo a encosta de uma montanha frondeira.

Tendo penetrado por uma azinhaga e me internado uns cem metros, parei sob uma especie de abobada formada por espesso folheto.

Depuz a espingarda para um lado e assentei-me sobre as folhas seccas que tapetavam o solo, encostando a cabeça ao tronco de uma arvore secular.

Assim permaneci longo tempo. O repouso era-me necessario. Aquelle lugar tinha um não sei qué de delicioso.

O sol tocando quasi em seu occaso, brilhando ainda na esphera celeste com o seu aureo diadema de esplendorosa luz tropical, enviava alguns raios, que coando por entre as folhas das arvores dava á floresta um aspecto sobrenatural e indiscriptivel. Já penetraste, leitor, n'uma mata virgem, nessa hora placida que precede a aproximação da noite, quando a tarde se despede, aavez dos ultimos esplendores do rei da criação ?

Experimenta-o, meu caro, e ao cabo de alguns minutos te acharás possuido de sensações antes desconhecidas.

Aqui são parasitas purpurinas fluctuando pelos ramos das arvores; alli borboletas azues e brancas, que esvoaçam em seus doudejantes torneios, pousando de galho em galho, acolá é um passaro que se occulta na penumbra desferindo seu canto mavioso; além a jurity com o seu chorar sentido.

E tudo isso é bello !

Minha alma entusiasta engolfara-se em um mundo de phantasias.

Cedendo á voluptuosidade do lugar, pouco a pouco meus olhos foram se fechando e eu dormi.

## II

Termina a vida real, começa a phantastica.

Não esperes magnificencias de estylo, caro leitor, nem tão pouco sumptuosas descripções; tentarei dar-te ligeira idéa do que se passou, e contente ficarei se sahir um esboço, ainda mesmo incompleto.

Entretanto, se eu pudesse narrar com as suas primitivas cores o singular sonho que tive...

Mas... continuemos.

Não sei ha quanto tempo dormia, mas é facto que de subito estremeci como se fosse tocado por um corpo estranho, e voltando o rosto vi diante de mim uma mulher de uma belleza indiscriptivel.

Esfreguei os olhos deslumbrados e encarei-a.

Ah ! leitor, faz idéa de uma belleza esculptural, da formosura mais perfeita e ainda assim será mesquinha.

Não era um anjo, porque não tinha azas ; mas tambem não era uma simples mulher.

Seu porte era magestoso como o da Venus da Grecia, e pallida como uma visão ; bella como o primeiro pensamento de amor. Os cabellos negros, sedosos e perfumados, desenrolados em pesados anneis, cahiam sobre as costas, como para as resguardar de qualquer olhar ; a testa era marmorea, e a cabeça tão bella, que Raphael a quereria para a sua Maria, os olhos pretos franjados de longos cilijs, tinham um brilho fascinador, o nariz era pequeno e delicado ; a boca de coral, era um verdadeiro botão de rosa guardando a duas ordens de magnificos dentes miudos e alvos como o jaspe.

O olhar d'aquelles olhos, o sorriso d'aquelles labios, fariam a felicidade inteira de um mortal.

O collo alabastino era tão bello que rivalisaria com o da mais perfeita estatua de Canova.

Sua pallidez era como a de Laura, e o enlevo celeste como da Beatriz do Dante.

Seria uma mulher ou uma estatua ?

Vestia uma alvissima tunica, que apertada na cintura, delicada e flexivel como a de uma Vespa, por um cinto de perolas, descia só até os joelhos, e deixava ver pernas de um molde que a esculptura invejaria.

Seria uma filha de Isis ?

Esta mulher ou antes esta virgem (pois não se lhe podia dar outro titulo), faria o encanto do poeta e o desespero do pintor.

Eu a contemplava tão enlevado, que me esquecera de levantar-me.

Ella olhava-me com uma expressão indefinivel. Disserei que o seu olhar era de compaixão.

Ao fim de alguns instantes, a virgem ergueu a mão direita, pequena e delicada como a de uma criança, e indicando-me com o dedo, disse :

— Ergue-te !

Puz-me de pé, porem cambaleava.

A virgem pegou-me na mão e ao seu contacto estremei, como se soffresse o choque de uma machina electrica.

— Caminha ! acrescentou ella.

Eu caminhei.

Enbriagava-me com o celestial perfume, que fugia em fluctuações dos seus vastos cabellos : era um desses aromas tão suaves que, erio sinceramente, nunca foi aspirado por mortal algum.

Não era dia, mas tambem não era noite.

O ceu estava recamado de fulgentes estrellas que brilhavam mais do que nas outras noites.

A lua, quasi em seu zenith, illuminava completamente a superficie da terra, não com essa luz baça e amarelenta, mas com uma luz clara e penetrante.

Parecia até que os astros sorriam.

Eu caminhava ao lado da virgem.

Andamos muito, atravessamos toda a floresta e por fim paramos á entrada de uma planicie vastissima, ao centro da qual se erguia uma pequena cidade.

A virgem largou-me a mão e avançando alguns passos com esse andar caracteristico que Virgilio dá as divindades do Olympo, parou a pouca distancia, pôz os olhos no ceu e de subito deu um grito.

De alguns saltos achei-me junto d'ella e bradei com voz consternada :

— O que tendes ? !

Era a primeira vez que lhe dirigia a palavra.

A virgem voltou-se para mim, e apontando o ceu, disse :

— Vês além ? pois minha residencia é lá ! Não sou deste mundo, porque elle é mesquinho de mais ante mim.

— Comprehando, respondi ; Deos não consentiria que o mais perfeito de seus anjos, baixasse à terra para n'ella habitar !

Ella sorriu-se.

{ E seu sorriso era divino.

— Mas porque gritastes ?

— Porque ao fitar o espaço lembrei-me que devo immediatamente voltar a occupar o meu logar.

— Então partis ?

— Sim.

— Oh ! não, não ! balbuciei a seus pés.

A virgem inclinou-se e me fez erguer, consolando-me com um limpo olhar.

— Socega, disse ella, não sejas criança ; desculpo-te, pois não sabes quem eu sou.

— Sois uma deusa, e diante de vós se curvariam todas as dignidades do Olympo. Ella pareceu não me prestar attenção e continuou :

— Não quero que seja infructifera a minha passagem na terra ; quero que seja prodigiosa a ti que tens tudo a ganhar, pois és moço, mas para isso é necessario que me obedeças.

— Obedecerei.

Por unica resposta ella tomou-me de novo a mão, e disse :

— Caminha !

(Continúa)

## VICTORIA WOODHALL

CARTA A JATYR SARIGUÉ

Meu caro Jatyrr Sarigué.

Apezar do proposito que tenho feito, de não discutir these alguma que exceda da acanhadissima orbita da minha instrucção e da minha capacidade intellectual, não pude conservar-me impassivel ante o assumpto de que trata o ultimo folhetim da Sra. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Trata o citado folhetim de uma mulher, mas, de uma mulher que pensa, discute e derrama sobre as almas cultas o orvalho benéfico do seu talento e das suas ideas.

Maria Amalia Vaz de Carvalho trata porem, este assumpto, sobre um ponto de vista, para mim falsissimo, o do ridiculo ; censura com uma tal delicadeza que deixa transparecer o gume afiado da espada assassina do sarcasmo.

Com quanto eu consagro á distincta escriptora portugueza, uma admiração sincera á qual tem ella jus pelo seu pouco commum talento ; não posso todavia deixar de contestar as ideias exhibidas na sua apreciação.

Victoria Woodhall é uma americana ; nascida n'um paiz livre, onde não se conhece o preconceito egoista de privar a mulher de tudo que de grande e bello possa ella ter pelo lado intellectual, não hesitou, essa sacerdotiza da liberdade, em prodigalizar as scentellas magicas das suas ideias, que talvez irão despertar em corações impressionaveis os anhelos de liberdade que fizeram de Washington o venerando vulto, o realizador da sublime obra julgada uma utopia.

Um homem que professasse uma bella e extraordinaria ideia e a proclamasse ao mundo inteiro, seria um nobre pugnador de uma causa santa, digno por isso, de todas as ovações ; de todos os paizes voariam a saudalo os emboras pela justeza da crença da qual se erigio paladino ; mas se apparece uma mulher sectaria dos mesmos principios, dispondo igualmente de talento fecundo, de uma percepção clara, de um'alma entusiastica, e de uma instrucção que a colloca em esphera igual ao homem, torna-se rizivel, impossivel ! não, que se reprovem ; as mais das vezes, o seu

em virtude do qual um pomo cabe por terra ao movimento que lança a lua em volta da terra, como a alma de uma namorada que seguisse o seu amante; mas esta força diversifica-se depois do estremecimento da vida que bate sobre a fonte até á scintilha electro magnetico do artista que sculpta e grava. O oxygenio é o unico corpo comburente, não ha outros no céu nem sobre a terra; e no entanto quantas luzes differentes, desde o scintillamento da estrella no infinito até á phosphorescencia do sulco no mar.

O principio carbonico é um, é um corpo elementar; mas que differença não ha entre o carvão de pedra que fumeja pelas chaminés das nossas locomotivas e o diamante que resplandece sobre os cabellos de nossas damas! Da mesma maneira, a religião, é uma; a necessidade que impelle o homem para Deos é em toda a parte a mesma; mas as religiões são variadas, multiplices e diversas. Quando, em que epocha da historia visteis vós uma unica religião? Duas utopias ensanguentaram a terra e amontoaram sobre ella montanhas de cadaveres: a utopia de uma só nação para todos, e a utopia de uma unica religião.

O christianismo é « ondeante e diverso. » Os povos orientaes da Europa unem-se na religião grega, os povos occidentaes na religião latina. As raças germanicas, essas distinguem-se; ellas abandonaram a metaphysica da Igreja grega, a religião imperial, unitaria, canonica da Igreja latina, por uma religião onde predomina a consciencia individual, por uma religião essencialmente individualista como é a sua phisiologia, a sua historia, a sua politica, o seu genio. A vossa religião catholica ella mesma, que adoraes, que eu respeito profundamente, quando, em que epocha, foi ella uma? E' preciso que haja heresias, disse S. Paulo. E o facto é que sempre as houve. Sobre a propria campa de Christo, Simão o nigromantico; ao pé dos apologistas, os gnosticos; ao pé dos Padres do Oriente e do Occidente, os manicheos; em face de Santo Agostinho, Pelagio; em face de Constantino, Arius; no dia do estabelecimento espirital do papado, a Igreja de Photius; no dia do seu estabelecimento temporal, a contestação das Investiduras; quando se armam as cruzadas, a voz de Paraclet reclama a independencia da razão humana; no momento em que S. Thomaz escreve o seu *Epitome* theologico, a grande encyclopedia catholica, apparecem os Albigenes; quando se acaba o captiveiro de Avinhão, tantas vezes comparado ao captiveiro de Babilonia, a aurora da reforma levanta-se contra a Allemanha, a Suissa e a Inglaterra; quando se reúnem os concilios ecumenicos de Constança e de Basilea, com as heresias de João Muss e de Jeronymo de Praga, eis que se ouve o satânico rufar d'esse timbre feito de pelle humana, diz a legenda, chamando os povos da Bohemia á communhão sob as duas especies; na Renascença, n'esse grande esplendor das artes, quando nasce e se dilata a nova terra, toda essa creação nova entre-

gue ao baptismo da fé catholica, a voz de Luthero vem interromper tudo; em face da hierarchia pontifical do XVII, que, annunciada por Santo Antonio no fim do precedente seculo, foi ainda aggravada por Luiz XIV, são os gallicanos e os jansenistas; no seculo XVIII, é a realza assente sobre a cadeira de Pedro; no seculo XIX finalmente, diante dos neo-catholicos levanta-se o velho catholicismo, e com elle os maiores pensadores, os bispos mais eminentes: prova flagrante que a unidade despotica nada pode contra a lei da variedade, cujas ramificações brotam na consciencia, na natureza e na historia. (sensação)

Mas diz-se: Em todo o caso a unidade foi um bem para a Hespanha. Eu resolvi não citar os nomes das pessoas que tomaram parte n'este debate, porque ser-me-hia necessario mencional-as todas, e o esquecimento de uma só implicaria um desdem que está muito longe do meu pensamento. Vós todos, porém, tendes ouvido d'esse lado da Camara jovens e eloquentes oradores invocar as glorias hespanholas, para demonstrar que ellas eram devidas exclusivamente á unidade catholica. Um d'esses mancebos muito eloquentes que assim fallaram, se a Camara, como creio, lhe prestou a mesma attenção que eu lhe dediquei, esse mancebo accrescentou: A Roma foram precisos tres seculos para nos vencer, e Roma era o destino; a generaes como Annibal nós temos opposto Sagunto, aos vencedores do mundo, Numancia; se Augusto não poudes fechar o templo de Janus, foram os nossos montanhezes do norte que lh'o impediram, e se Agrippa não poudes levar a Roma o testemunho da sua victoria sobre os Cantabres, é porque os nossos heroes abriram as entranhas de seus navios, e abysmaram-se nas vagas, para não passarem debaixo dos arcos de triumpho, para não atravessarem a ira sagrada sob o duplo pezo das suas cadeias e da sua affronta.

Pois bem! a esses moços que, a seu pezar, talvez, mas para gloria minha, tem assistido aos meus cursos e são meus discipulos (Risos), prova que os discipulos não aceitam tão facilmente como se acredita o ensino do mestre, a esses moços repito, eu quero estabelecer-lhes uma questão muito simples.

(Continua.)

## IMPRESSÕES DE UM SONHO

(Aos leitores da AMERICA)

### III

Eu caminhava ao lado da virgem.

No fim de alguns instantes entramos na cidade, por uma rua estreita e completamente deserta.

Quando iamose desembocar em uma praça brilhantemente illuminada á gaz, a virgem fez-me parar e convidou-me a entrar em uma casa, á nossa direita.

Era um edificio immenso e que seguramente remontava a mais de um seculo.

Aproximamo-nos da porta, e esta abriu-se á nossa chegada, como por encanto.

Dissereis uma dessas portas mysteriosas, de que nos folla o narrador oriental.

Penetramos em um corredor mal allumiado por uma lampada de cobre, que pendia do tecto, e a virgem dando-me a mão, continuamos a andar.

O corredor era bastante comprido e tinha muitas portas á direita e á esquerda.

Quando estavamos quasi em seu fim, a virgem chegou-se a uma dessas portas e esta abriu-se, como já se abrira a da entrada, deixando apparecer á nossa vista um pequeno quarto de dormir, cujo limiar atravessamos.

Era um aposento muito pobre: tinha por mobilia um leito á direita da entrada, uma mesa carunchosa no fundo e um velho baliú a um canto; mas em compensação de tamanha miseria via-se á cabeceira da cama uma pequena imagem de Christo crucificado, esse symbolo grandioso da religião christã.

Uma candeia de ferro dependurada na parede e derramando pallidos clarões, allumiava vagamente estes objectos.

Sobre o leito, meio deitada com a cabeça descansada no encosto do catre e os braços cruzados sobre o peito dormia uma mulher, que naturalmente era moça, porém tinha na fronte os traços característicos de uma velhice precoce.

Era clara e parecia ter sido formosa.

Estava coberta com uma manta, que de tão velha, mal dissimulava a ausencia do lençol

Tudo respirava miseria.

A virgem approximou-se do leito e voltando-se para mim disse:

— Vês esta mulher? pois é uma desgraçada como muitas outras que andam por ahí. Atirada ao mundo por um libertino que a seduziu, ella passou por todos os degraus do vicio, tendo suas altas e baixas, conforme o amante a quem se entregava.

Durante doze ou quatorze annos passou a vida mais triste possivel; teve amantes de todas as classes sociaes, arrastando com elles um viver ignominioso.

Cançada dessa existencia de agitações, ella amou com paixão e até com delirio, a um homem a quem por ultimo se ligara.

Como esses pobres insectos, que queimam as azas de encontro á luz, assim esta infeliz decahiu para sempre, ao contacto do homem a quem amou, pois elle era um desses brutos, que de humano tem a forma.

Ao principio tudo eram flôres e risos; ella julgava-se amada e vivia alegre, mas em breve o tédio invadiu aquelle quo ella desejava conservar unido ao seu destino, e o viver de ambos tornou-se insuportavel.

O seu amante, homem de natureza má, comprazia-se com o mau trato que lhe dava e até chegou a espancal-a em publico; mas a mesquinha o amava muito.

Um dia elle deixou-a para sempre.

Então é que esta infeliz mediu a sua ruina.

Seu desnaturado amante levava consigo tudo quanto lhe dera: a mesquinha ficava sem nada e cheia de dividas!

Só e abandonada, ella passou toda a sorte de privações, e além disso todos a tratavam como a um ente abjecto.

Quiz recorrer á caridade publica, mas esta a desenganou, repellindo-a com horror.

Apezar da devassidão em que se engolfara, ainda lhe ficara um resto de pudor.

Procurou trabalho e uma familia caridosa lh'o deu.

Resolvida a mudar de vida atirou-se com ardor ao seu novo e honesto genero de existencia.

Vive hoje completamente ignorada de todos, e, no silencio, entre estas quatro paredes, chora continuamente a sua deshonra, lamentando-se de sua ignominia.

Como todas essas mulheres que se atiram á prostituição, ella teve um justo premio de sua devassidão.

A virgem calou-se.

Sua voz ao principio divinamente melliflua, tornára-se pouco a pouco apanco metallica e vibrante.

A mesquinha, a pobre Magdalena decahida, continuava a dormir.

A virgem tomou-me a mão e me fez sabir d'aquelle desnudado theatro, onde o vicio se aninhara e que agora era como que uma especie de remorso, aquella que ahí barateara seu corpo á mercê de qualquer quantia.

No fundo do corredor havia uma escada, subimos por ella, atravessamos uma saleta e penetramos em um vasto quarto de dormir, perfeitamente allumiado por um globo de vidro, cuja porta se abrira á nossa chegada, como já havia acontecido com as outras duas.

Aqui a scena mudava-se.

Era um aposento que apresentava um mixto de opulencia e miseria, pois se aqui via-se um movel de subido preço, alli notava-se a ausencia de um outro.

A' direita da entrada erguia-se um leito de amplas cortinas côr de rosa perfeitamente fechadas.

A virgem approximou-se desse leito, descerrou as cortinas e uma mulher ainda moça appareceu á nossa vista.

Era formosa.

Tez alva, mas um tanto macilenta, talvez por alguma

enfermidade; nariz aquilino, boca pequena e mãos aristocráticas.

Esta mulher estava negligentemente deitada e dormia um sono socegado.

A virgem pousou-lhe a mão na fronte e voltando-se para mim, disse:

— Eis aqui uma representante do vicio em alta escala: cortezá dissoluta, mulher para a qual a opinião publica é uma coisa vã, ella tem desenfreadamente trilhado a estrada do vicio com o maior cynismo, distribuindo sorrisos a todos aquelles que encontra em seu caminho de perdição.

Nesse momento a cortezá estremeceu, e eu temendo que ella acordasse adverti a virgem:

Esta socegou-me, dizendo:

Nada temas, ella está sob a influencia magnetica que exerce sobre todas as pessoas em que a quero empregar.

Queres ouvir a sua historia?

— Sim! respondi-lhe.

A virgem passou a branca e fina mão pela fronte divinal e dispoz-se a fallar.

*Continúa.*

## ITINERARIO

DE

UMA VIAGEM

À CAÇA DOS ELEPHANTES

POR D. F. DAS NEVES

V

Armam-se os pretos em guerra por causa de pedir fogo para accender um cigarro.

Não havia tempo a perder. Formei os 17 caçadores com o Manóva, o meu vice-logar-tenente e dois criados que também tinham espingardas. As armas estavam carregadas com bala; porém eu mandei augmentar a carga com baliúas, ordenando aos chefes dos carregadores que se mettessem em linha na nossa retaguarda com todos elles, para d'este modo o inimigo os tomar a todos por caçadores. Depois de formados observei aos caçadores que era absolutamente indispensavel obstar á entrada do inimigo na povoação que n'aquelle momento simulava uma fortaleza, cujo accesso era necessario defender a todo o transe. Adverti-lhes mais, que quando o inimigo chegasse ao alcance de tiro de espingarda, seria intimado para parar, e se elle insistisse em avançar, eu dispararia a minha arma sobre o chefe. Seria esse o signal para os caçadores descarregarem sobre elles, porém só cinco tiros de cada vez. Este alvitre foi approved pelo Manóva e por todos os caçadores.

Quando o inimigo já estava proximo, avancei com os caçadores para a extremidade da povoação, do lado donde elle vinha.

Marchavam sobre nós entoando cantos de guerra, de envolta com assobios e pulos batendo com as rodellas nos joelhos e brandindo os ferros selvagens. Chegados a distancia de cerca de 120 metros, intimei-os para pararem, observando-lhes que se continuassem a avançar, faria fogo, e o chefe seria o primeiro a perder a vida.

Em vista d'esta intimação e da attitudo dos caçadores, que tinham as armas apontadas para elles, pararam. Perguntei lhes então o que pretendiam de mim. E com arrogancia propria de selvagem, respondeu-me o chefe, que vinha exigir-me uma reparação das offensas corporaes que eu havia feito a dois filhos do *Modai*, e que se eu me demorasse em entregar-lhe 50 cargas de fazenda, como indemnisação, entraria na povoação dando a morte a todos nós.

— A intimação que acabas de fazer-me, lhe disse eu, é mais facil de dizer do que de executar. Entretanto esta situação não pôde prolongar-se. O tempo vò e eu quero ir hoje pernoitar na povoação do *Gingelin*. Ficae sciente que nada conseguireis pela força. Se quereis tratar amigavelmente commigo, vinde cá acompanhado de dez pessoas, o maximo. Do contrario, senão retrocedeis, mando fazer fogo sobre vós.

Terminadas estas palavras, os carregadores proromperam em gritos entusiasticos, entoando os seus cantos belicosos, acompanhados de assobios e grandes pulos, e brandindo as azagaías em ar de desafio. O chefe do bando, depois de breve conferencia com os seus, adiantou-se para a povoação, acompanhado de cinco pretos dos mais graduados d'entre elles. Mandeí ao seu encontro o meu vice-logar-tenente acompanhado de dois criados, afim de os conduzir a minha presença. Recebi-os sentado debaixo d'uma arvore. Trocados mutuamente os cumprimentos, fiz-lhes signal de se sentarem também.

Houve um instante de silencio, que fui o primeiro a romper, começando por contar-lhes a causa que determinara o incidente com o preto, demonstrando-lhes que toda a culpa provinha d'elle, pois que me havia insultado grosseiramente; accrescentando, todavia, que, para terminar amigavelmente a pendencia, não tinha duvida de fazer algum beneficio ao preto. Em acto seguido entreguei ao chefe do bando uma peça e duas capelanas.

— Em presença das explicações que o *Melungo* (branco) acaba de dar-me, respondeu elle, está terminada esta contenda. São más, na verdade, as palavras que o rapaz lhe dirigio. Continue pois o *Melungo* a sua viagem e seja feliz. No regresso, querendo passar por esta terra, de que eu sou o chefe, tem ás suas ordens a minha povoação. Terei muito prazer em recebê-lo. Vejo que o

peitos eram mimosos, e apesar de não pouco salientes, não consentia a sua virgindade que tremessem quando andava. Ella tinha os braços cruzados por debaixo dos delicados peitos, posição esta que a tornava ainda mais seductora. Confesso que me fascinavam tantas perfeições reunidas. Insensivelmente pousei a mão na face da mocinha, e d'ahi descaio n'aquelle primor da natureza.... mas a donzella, ao contacto da minha mão no seio virginal, fez um movimento com um braço para desviar-a. Eu retirei-a logo, envergonhado do acto que praticára involuntariamente.

Durante este episodio, as demais pretinhas riam muito e batiam as palmas. Na retirada fizeram fóra da palhota grande algazarra. Chacoteavam com a pretinha dando-lhe os parabéns d'ella ser minha esposa.

Apenas retiraram serviu-se-me o jantar que comi com bom appetite.

Levantei-me ás seis horas. Quando tomava o chá, entrou o régulo. Mimoseei-o com uma xícara de aguardente, que elle apreciou muito mais, do que se eu lhe desse do chá, que estava tomando; depois entreguei-lhe duas peças de fazenda e uma *capelana*, como prova de agradecimento pela obsequiosidade com que me havia recebido e tratado. Elle despedio-se de mim, agradecendo também o presente. Quando elle saia, entrava a formosa pretinha, acompanhada de quatro mais pequenas do que ella. Trazia-me de presente um prato com *ubsua* (papas de farinha de qualquer mantimento) de mexueira (1), e uma tijela cheia de mel. Apreciei muito a lembrança da pretinha, que assim se mostrava grata ao presente da missanga, que lhe havia dado. Provei da sua *ubsua*, o que a lisongeou bastante, brindando-a com dois lenços encarnados de algodão fino.

Pelas sete horas do dia parti do *Gingelim* para a povoação do regulo grande, por nome *Magud*, chegando ás cinco horas e meia da tarde.

## IMPRESSÕES DE UM SONHO

(Aos leitores da AMERICA)

### IV

Depois de envolver aquella pobre corteza adormecida em um limpo e penetrante olhar, a virgem começou:

— Esta mulher é oriunda de uma nobre familia, e sendo

(1) Mexueira. — E' um mantimento fino, do tamanho do que na Europa dão aos passaros; este é amarello, e aquelle cinzento escuro.

ainda bem criança desposou um moço que a adorava, cujo amor, ao principio completamente correspondido, tornou-se em breve o mais insupportavel tedio, porque ella adivinhou que não amava já seu esposo. Mulher nascida para o mundo, conheceu logo que não podia amoldar-se á vida placida e serena de esposa e de mãe.

Os dias d'aquelle casal, que eram passados nos braços da alegria, começaram a ser tristes e dolorosos, tal era a esquivança d'aquelle esposa transviada para com seu marido.

O céu d'aquelle casal, que ainda ha pouco era todo azul, obumbrara-se; a tempestade rugia proxima e não se fez esperar.

Um dia, ao voltar de uma viagem, o esposo encontrou a casa deserta; perguntou pela esposa e disseram-lhe que fugira em companhia de um amante.

Foi tal a dor que se apossou d'aquelle infeliz, que desapareceu para sempre do theatro da sua deshonra.

Elle tinha muito pendor!

Então começou para a mesquinha uma vida desenfreada; tornando-se uma corteza franca e impudente.

Tomava amantes com a mesma facilidade com que os deixava dois dias depois, e isto tanto em excesso, que chegou a fazer crer que o seu coração era galianisado.

As orgias succediam-se umas ás outras, e o luxo que ella ostentava era inexcédível.

Isto aturou alguns annos; mas um dia o anjo negro da desgraça espanejou suas azas sobre ella. Atacada de uma molestia incuravel, em breve fará o horror de todos.

— Está lazara!

A virgem calou-se.

Eu olhei tristemente para a mulher que tinha adormecida sob minha vista; parecia-me impossivel que aquelle corpo tão delicado estivesse affectado d'esse mal terrivel.

Não me era possivel crer que aquellas mãos aristocraticas fossem em breve o pasto de chagas ulcerosas; mas a virgem não me deu tempo a reflexões, e continuou:

— Habituada a esse fusto, que fazia o seu encanto unico, ella não se capacita do estado em que se acha, cre-se ainda n'aquelles dias de felicidades ephemeras, e oppõe á proxima e inevitavel ruina um prestigio dissipado.

Mas, infeliz! dentro em pouco será forçada a crer nessa verdade, embora dura e inexoravel, pois cada dia um objecto qualquer é mandado vender, para sustentar o luxo estúpido de que se rodêa; porque aquelles que o sustentavam, tendo presentido o mal que começa a affectar-a, acabaram por se retirar todos.

A virgem calou-se e, apoz breve pausa, continuou:

— Mulher mercenaria e sem brio, que por ouro se vendia, colhe o fructo sazonado desse viver no crime!

— Basta! bradei travando-lhe das mãos.

— Não, respondeu-me ella, não sabes tudo, e por isso te compadecees tão facilmente desta mulher, indigna de compaixão.

O seu crime é maior do que pensas; ella reúne ao vicio uma soberba inexcédível, pois leva o cynismo a desprezar suas irmãs no crime, tal é o orgulho de que está possuida.

Eu estava horrorisado.

Tinha compaixão d'aquelle mulher, porém a sua historia a tornava repulsiva.

A virgem, percebendo o que em mim se passava, tomou-me a mão e disse:

— Saíamos; o contacto desta infeliz envenena.

Travei-lhe da mão com effusão; mas de subito estremei e dei um grito a uma forte detonação que ouvi junto de mim.

Dei um salto e voltando os olhos achei-me immerso em trevas.

Tactecendo conheci que estava no meio da floresta, junto da arvore em que me encostara para dormir, ao cahir da tarde,



Reassumi as minhas idéas um pouco tumultuadas e compreendi que sonhara. O tiro, cujo estampido me acordára, fôra desfechado por mim, suppondo apertar as mãos da virgem, quando na realidade segurava a espingarda e a fazia disparar.

Virgem de túnica branca, mulheres viciosas e tudo o mais fôra uma chimera; tudo desaparecera.

O sol, naturalmente, ha muito se occultara no horizonte, pois densas sombras envolviam tudo em redor de mim.

Os passaros tinham emmudecido, e só se ouvia o murmúrio do pequeno regato e os rumores confusos e mysteriosos da floresta.

Alonguei a vista atravez da floresta e apenas pude lobrigar essas arvores seculares, como sombras phantasticas, movendo-se á leve briza da noite.

O aspecto dessa floresta quasi virgem era muito differente d'aquelle diante do qual eu me extasiara, algumas horas antes.

Agora era horroroso.

E eu tive medo considerando a minha pequenez, ante essa immensidade sombria.

Estiquei os membros magoados pelo máo commodo em que estivera deitado, e tomando a espingarda tratei de sahir da floresta.

Em alguns momentos estava no campo limpo, á margem do arroio. A lua reflectia nesse crystallino fio de agua, e esclarecia a copa da floresta que eu acabava de deixar, offerecendo ao pensador um espectáculo grandioso e digno de meditação.

Leitor, acabou-se o sonho; talvez não gostes da segunda parte pela transição, mas por essa razão peço-te desculpa.

O voo foi de leão; o sol desfez as azas e por isso era forçoso descer.

Queria escrever alguma coisa dedicada aos assignantes da *America*: sahiram as linhas que ali ficam.

Boas ou más, ellas te pertencem, leitor.

J. AUGUSTO DA SILVA.

## PARIS

### O BAIRRO LATINO

(Conclusão)

Em parte alguma a mocidade é tão alegre como aqui!

Pelas ruas, nos theatros, nos cafés, nas *brasseries*, por toda a parte, emfim, uma expansão, uma exuberância de vida enormes, impetos de mocidade que alegram e fazem bem. Mas principalmente nos cafés e *brasseries*, á noute, em vespas de feriado.

Cafés de nomes academicos e característicos: *café de l'Institut, de l'Université, de la Jeune France, de l'Avenir. Brasseries des écoles, du Collège de France, de la Cigarette, de la clinique, etc., etc.*

Estabelecimentos de porta fechada e largos cortinados para que a gente de fóra não veja o que se passa dentro — coisas que eu não digo ao leitor, mas que o leitor facilmente adivinha. São geralmente servidos por mulheres, rapari-

gas novas e elegantes, de *toilettes* decotadas, e, quanto mais formosas e decotadas, mais con-corrido é o café. Publico de estudantes e *cocottes* que alli assam as noutes, n'um tumulto enorme de canções, de musica e de dança. Uma inferneira dos diabos!

Livros por cima das mesas, cachimbos, ganchos de cabello, cinza, *canettes* de cerveja e frascos de cognac! Nas paredes, nymphas deliram em quadros, e, a um canto da sala, um velho piano combalido e dyspeptico, por grandes indigestões de musica, diz seus longos soffrimentos na desafinação das notas.

Conhecem-se estes cafés nada mais que pela algazarra que se lá faz dentro, pelos cortinados das vidraças e pelo annuncio, que tem á porta, dos bailes do Bullier.

O Bullier é uma especie de Recreios Whittyne, na construcção e aspecto das salas, mas onde só se dança, e onde se dança especialmente o *cancan* doidamente, furiosamente, n'uma athmosphera de fumo e alcool e ao som estridente de instrumentos de metal, que não tocam, que espetam a musica pelos ouvidos do publico! E necessario entrar-se ali para se formar uma idéa exacta do que aquillo seja.

As mulheres têm entrada de graça e os homens pagam um franco. Os estudantes têm sempre um franco para entrar no Bullier, e, como as mulheres não pagam nada, vão sempre *acompanhados*.

Mas mesmo nunca lhes é difficil achar uma *companheira*. O estudante procura a costureira ou a *cocotte*, como a *cocotte* e a costureira procuram o estudante, do que resulta encontrarem-se sempre.

Mas a costureira de hoje que não é já, como talvez ahi julguem, como a costureira de outros tempos. O typo classico da *grisette* desapareceu do bairro, e só existe actualmente nos romances de Paulo de Kock, nos contos de Minger e na phantasia ardente dos seus collegas de Lisboa.

A costureirinha ingenua e *sympathica* que vivia de amor e privações, na bohemia de um quinto andar, apaixonada e anemica, typo sentimental e poetico, com que ainda sonham em Lisboa os alumnos das escolas, já se não encontra aqui como os meus amigos julgam.

Mais pratica e menos lyrica, vae tratando como póde de fazer vida como as outras, vida de *cocotte* é claro, mais ou menos *effrontée*, mais ou menos exigente, mas *cocotte* em todo o caso.

O que ellas acham muito mais rendoso e mais proprio á nutrição.

Já se não ouve, como d'antes, em *boccade* costureira a conhecida estrophe: